

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa  
Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2020**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

A prova inclui 2 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final (itens **I–2.** e **III**). Dos restantes 7 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

---

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

## GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Pedro da Maia amava! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os respeitos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos.

5 Numa tarde, estando no Marrare, vira parar defronte, à porta de Madame Levillant, uma caleche azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embrulhada num xale de Caxemira.

O velho, baixote e reforçado, de barba muito grisalha talhada por baixo do queixo, uma face tisonada de antigo embarcadiço e o ar gôche, desceu todo encostado ao trintanário como se um reumatismo o tolhesse, entrou arrastando a perna o portal da modista; e ela voltando devagar a cabeça olhou um momento o Marrare.

10 Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica: os olhos maravilhosos iluminavam-na toda; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnação de mármore: e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia – pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa pose de tédio – vendo o violento interesse de Pedro, o olhar aceso e perturbado com que seguia a caleche trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, murmurou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta:

– Queres que te diga o nome, meu Pedro? O nome, as origens, as datas e os feitos principais? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequioso Alencar, uma garrafa de champanhe?

Veio o champanhe. E o Alencar, depois de passar os dedos magros pelos anéis da cabeleira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um puxão aos punhos:

25 – Por uma doirada tarde de outono...

– André – gritou Pedro ao criado, martelando o mármore da mesa – retira o champanhe!

O Alencar bradou, imitando o ator Epifânio:

– O quê! Sem saciar a avidez do meu lábio?...

30 Pois bem, o champanhe ficaria: mas o amigo Alencar, esquecendo que era o poeta das «Vozes de Aurora», explicaria aquela gente da caleche azul numa linguagem cristã e prática!...

– Aí vai, meu Pedro, aí vai!

Havia dois anos, justamente quando Pedro perdera a mamã, aquele velho, o papá Monforte, uma manhã rompera subitamente pelas ruas e pela sociedade de Lisboa naquela mesma caleche com essa bela filha ao seu lado. Ninguém os conhecia. Tinham alugado a Arroios um primeiro andar no palacete dos Vargas; e a rapariga principiou a aparecer em S. Carlos, fazendo uma impressão – uma impressão de causar aneurismas, dizia o Alencar! Quando ela atravessava o salão, os ombros vergavam-se no deslumbramento de auréola que vinha daquela magnífica criatura, arrastando com um passo de deusa a sua cauda de corte, sempre decotada como em noites de gala, e, apesar de solteira, resplandecente de joias. O papá nunca lhe dava o braço: seguia atrás, entalado numa grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisonado e mais embarcadiço na claridade loira que saía da filha, encolhido e quase apavorado, trazendo nas mãos o óculo, o libreto, um saco de bombons, o leque e o seu próprio guarda-chuva. Mas era no camarote, quando a luz caía sobre o seu colo ebúrneo e as suas tranças de oiro, que ela oferecia verdadeiramente a encarnação de um ideal da Renascença, um modelo de Ticiano...

Eça de Queiroz, *Os Maias*, edição de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, 1998, pp. 22-24.

## NOTAS

*aneurismas* (linha 36) – dilatações anormais, localizadas, de artérias.

*auréola* (linha 37) – círculo luminoso que rodeia a imagem de Cristo, da Virgem, dos anjos e dos santos.

*ebúrneo* (linha 43) – semelhante ao marfim na cor e na lisura.

*gôche* (linha 9) – forma aportuguesada da palavra francesa «gauche»; desajeitado.

*Marrare* (linha 5) – café localizado no Chiado, que, no século XIX, teve grande importância social, política e literária.

*S. Carlos* (linha 35) – teatro de ópera situado na zona do Chiado, fundado em 1793.

*Ticiano* (linha 45) – pintor italiano da Renascença.

*trintanário* (linha 9) – criado que se sentava ao lado do cocheiro nas carruagens.

1. Refira dois dos efeitos que a visão da «senhora loura» (linha 6) provoca em Pedro da Maia, tendo em conta o primeiro parágrafo do excerto transcrito.

2. Interprete o comportamento de Alencar, ao aperceber-se do «violento interesse de Pedro» (linhas 18-19).

3. Explícite a impressão causada pelo «papá Monforte» (linha 32), com base no último parágrafo do texto.

4. Releia a última frase do texto e observe a imagem.

Identifique dois aspetos que permitem associar a descrição da personagem feminina ao quadro de Ticiano abaixo reproduzido.



Ticiano, *La Bella*, 1536-1538,  
in [www.uffizi.it](http://www.uffizi.it) (consultado em janeiro de 2020).

## GRUPO II

Leia o Texto A. Se necessário, consulte as notas.

### TEXTO A

#### **Merina**

Rosto comprido, airoso, angelical, macia,  
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,  
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,  
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

- 5 Sob os abafos bons que o Norte escolheria,  
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,  
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia  
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

Cesário Verde, *Obra Completa*, edição de Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 122.

#### **NOTAS**

*alva* (verso 3) – que tem cor branca.

*Merina* (título) – raça de carneiros que produz uma lã fina e de qualidade superior.

1. Refira o valor expressivo da comparação presente no verso 3.
2. Caracterize o espaço em que se movimenta o sujeito poético.

Leia o Texto B.

TEXTO B

**Rapariga descalça**

Chove. Uma rapariga desce a rua.  
Os seus pés descalços são formosos.  
São formosos e leves: o corpo alto  
parte dali, e nunca se desprende.

5 A chuva em abril tem o sabor do sol:  
cada gota recente canta na folhagem.  
O dia é um jogo inocente de luzes,  
de crianças ou beijos, de fragatas.

Uma gaivota passa nos meus olhos.  
10 E a rapariga – os seus formosos pés –  
canta, corre, voa, é brisa, ao ver  
o mar tão próximo e tão branco.

Eugénio de Andrade, *Poesia*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000, p. 79.

3. Analise dois dos efeitos de sentido criados, na segunda estrofe do poema, pelas referências ao tempo.

4. Releia os dois textos.

Explicita de que modo a «ovelhinha» (Texto A, verso 8) e a «gaivota» (Texto B, verso 9) contribuem para a caracterização das respetivas figuras femininas.

### GRUPO III

Com base na sua leitura de uma das peças de teatro a seguir indicadas, desenvolva a proposta de análise apresentada para essa obra.

- Gil Vicente
  - *Inês Pereira* – a evolução da personagem de Inês Pereira;
  - *Lusitânia* – o carácter alegórico da *peça dentro da peça*;
  - *Dom Duardos* – a importância da intriga amorosa no desenvolvimento da ação.
- António José da Silva
  - *Guerras do Alecrim e Manjerona* – a representação cômica da rivalidade.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da peça por si selecionada.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2020/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 2 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	<b>Grupo</b>				<b>Subtotal</b>
	<b>I</b>	<b>III</b>			
	<b>2.</b>				
Cotação (em pontos)	25	50			<b>75</b>
Destes 7 itens, contribuem para a classificação final da prova os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	<b>Grupo I</b>				<b>Subtotal</b>
	<b>1.</b>	<b>3.</b>	<b>4.</b>		
	<b>Grupo II</b>				
	<b>1.</b>	<b>2.</b>	<b>3.</b>	<b>4.</b>	
Cotação (em pontos)	5 x 25 pontos				<b>125</b>
<b>TOTAL</b>					<b>200</b>

# **Prova 734**

1.<sup>a</sup> Fase



**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa  
Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2020**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

**Entrelinha 1,5, sem figuras**

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

A prova inclui 2 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final (itens **I – 2.** e **III**). Dos restantes 7 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

## GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Pedro da Maia amava! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os respetos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos.

Numa tarde, estando no Marrare (1), vira parar defronte, à porta de Madame Levaillant, uma caleche azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embrulhada num xale de Caxemira.

O velho, baixote e reforçado, de barba muito grisalha talhada por baixo do queixo, uma face tisonada de antigo embarcadiço e o ar gôche (2), desceu todo encostado ao trintanário (3) como se um reumatismo o tolhesse, entrou arrastando a perna o portal da modista; e ela voltando devagar a cabeça olhou um momento o Marrare.

Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica: os olhos maravilhosos iluminavam-na toda; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnação de mármore: e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia – pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa pose de tédio – vendo o violento interesse de Pedro, o olhar aceso e perturbado com que seguia a caleche trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, murmurou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta:

– Queres que te diga o nome, meu Pedro? O nome, as origens, as datas e os feitos principais? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequioso Alencar, uma garrafa de champanhe?

Veio o champanhe. E o Alencar, depois de passar os dedos magros pelos anéis da cabeleira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um puxão aos punhos:

– Por uma doirada tarde de outono...

– André – gritou Pedro ao criado, martelando o mármore da mesa – retira o champanhe!

O Alencar bradou, imitando o ator Epifânio:

– O quê! Sem saciar a avidez do meu lábio?...

Pois bem, o champanhe ficaria: mas o amigo Alencar, esquecendo que era o poeta das «Vozes de Aurora», explicaria aquela gente da caleche azul numa linguagem cristã e prática!...

– Aí vai, meu Pedro, aí vai!

Havia dois anos, justamente quando Pedro perdera a mamã, aquele velho, o papá Monforte, uma manhã rompera subitamente pelas ruas e pela sociedade de Lisboa naquela mesma caleche com essa bela filha ao seu lado. Ninguém os conhecia. Tinham alugado a Arroios um

primeiro andar no palacete dos Vargas; e a rapariga principiou a aparecer em S. Carlos (4), fazendo uma impressão – uma impressão de causar aneurismas (5), dizia o Alencar! Quando ela atravessava o salão, os ombros vergavam-se no deslumbramento de auréola (6) que vinha daquela magnífica criatura, arrastando com um passo de deusa a sua cauda de corte, sempre decotada como em noites de gala, e, apesar de solteira, resplandecente de joias. O papá nunca lhe dava o braço: seguia atrás, entalado numa grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisonado e mais embarcado na claridade loira que saía da filha, encolhido e quase apavorado, trazendo nas mãos o óculo, o libreto, um saco de bombons, o leque e o seu próprio guarda-chuva. Mas era no camarote, quando a luz caía sobre o seu colo ebúrneo (7) e as suas tranças de oiro, que ela oferecia verdadeiramente a encarnação de um ideal da Renascença, um modelo de Ticiano (8)...

Eça de Queiroz, *Os Maias*.

## NOTAS

- (1) *Marrare* – café localizado no Chiado, que, no século XIX, teve grande importância social, política e literária.
- (2) *gôche* – forma aportuguesada da palavra francesa «gauche»; desajeitado.
- (3) *trintanário* – criado que se sentava ao lado do cocheiro nas carruagens.
- (4) *S. Carlos* – teatro de ópera situado na zona do Chiado, fundado em 1793.
- (5) *aneurismas* – dilatações anormais, localizadas, de artérias.
- (6) *auréola* – círculo luminoso que rodeia a imagem de Cristo, da Virgem, dos anjos e dos santos.
- (7) *ebúrneo* – semelhante ao marfim na cor e na lisura.
- (8) *Ticiano* – pintor italiano da Renascença.

1. Refira dois dos efeitos que a visão da «senhora loura» provoca em Pedro da Maia, tendo em conta o primeiro parágrafo do excerto transcrito.

### Item obrigatório

2. Releia o texto, a partir do quinto parágrafo.

Interprete o comportamento de Alencar, ao aperceber-se do «violento interesse de Pedro».

3. Explícite a impressão causada pelo «papá Monforte», com base no último parágrafo do texto.

4. Identifique dois dos elementos do texto que justificam a caracterização da personagem feminina como «alguma coisa de imortal e superior à Terra».

## GRUPO II

Leia o Texto A. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao poema.

### TEXTO A

#### **Merina (1)**

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,  
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,  
Mais alva (2) que o luar de inverno que me esfria,  
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

Sob os abafos bons que o Norte escolheria,  
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,  
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia  
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

Cesário Verde, *Obra Completa*.

#### **NOTAS**

(1) *Merina* – raça de carneiros que produz uma lã fina e de qualidade superior.

(2) *alva* – que tem cor branca.

1. Refira o valor expressivo da comparação presente no verso 3.

2. Caracterize o espaço em que se movimenta o sujeito poético.

Leia o Texto B.

TEXTO B

**Rapariga descalça**

Chove. Uma rapariga desce a rua.  
Os seus pés descalços são formosos.  
São formosos e leves: o corpo alto  
parte dali, e nunca se desprende.

A chuva em abril tem o sabor do sol:  
cada gota recente canta na folhagem.  
O dia é um jogo inocente de luzes,  
de crianças ou beijos, de fragatas.

Uma gaivota passa nos meus olhos.  
E a rapariga – os seus formosos pés –  
canta, corre, voa, é brisa, ao ver  
o mar tão próximo e tão branco.

Eugénio de Andrade, *Poesia*.

3. Analise dois dos efeitos de sentido criados, na segunda estrofe do poema, pelas referências ao tempo.

4. Releia os dois textos.

Explicita de que modo a «ovelhinha» (Texto A, verso 8) e a «gaivota» (Texto B, verso 9) contribuem para a caracterização das respetivas figuras femininas.

Item obrigatório

**GRUPO III**

Com base na sua leitura de uma das peças de teatro a seguir indicadas, desenvolva a proposta de análise apresentada para essa obra.

- Gil Vicente
  - *Inês Pereira* – a evolução da personagem de Inês Pereira;
  - *Lusitânia* – o carácter alegórico da *peça dentro da peça*;
  - *Dom Duardos* – a importância da intriga amorosa no desenvolvimento da ação.
- António José da Silva
  - *Guerras do Alecrim e Manjerona* – a representação cômica da rivalidade.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da peça por si seleccionada.

**Observações:**

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2020/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 2 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

### Grupo I

Item 2. .... 25 pontos

### Grupo III

Item único ..... 50 pontos

**SUBTOTAL ..... 75 pontos**

Dos restantes 7 itens, contribuem para a classificação final da prova os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (5 x 25 pontos).

### Grupo I

Itens 1., 3. e 4.

### Grupo II

Itens 1., 2., 3. e 4.

**SUBTOTAL ..... 125 pontos**

**TOTAL ..... 200 pontos**